

Breve estudo sobre as teorias geracionais e os avanços da tecnologia aplicada à educação

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.002-026>

Valter Siqueira Freitas

Doutor em Educação/Uni.Evangelica do Paraguay-UEP
Professor – Faculdade Horizonte-DF
ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0306-066X>
E-mail: valterfreit@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3087-1498>

E-mail: psicologalouiselira@gmail.com

Luiz Alberto Rocha de Lira

Doutor Em Educação/UNIMEP/PIRACICABA-SP
Professor – Faculdade Horizonte-DF
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8719-700X>
E-mail: luz.lira@terra.com.br

Louise Lorena Lopes Lira

Mestranda em Ciências da Saude/UNADES-PY
Psicóloga e Professora de Psicologia da Faculdade Horizonte-DF

RESUMO

Este artigo visa acrescentar aos estudos sobre tecnologias aplicadas à educação, concepções geracionais concebidas numa sociedade da informação, em que, o fortalecimento de suas estruturas ocorre por meio de relações integradas, onde os avanços e os recursos tecnológicos produzidos se intensificam e se inovam de forma constante e apoiadas pela internet e redes sociais com muita intensidade. Neste sentido, as estratégias de ensino precisam ser pensadas sempre em função das características de cada aluno ou turma e, ainda, em que estrutura geracional se encontram, pois, o educador passa a identificar novos caminhos para viabilizar o aprendizado e produzir melhores resultados.

Palavras-chave: Tecnologias, Educação, Internet, Redes sociais.



1 INTRODUÇÃO

É indiscutível, a influência assumida pela tecnologia e suas diversas aplicações nas áreas do conhecimento e no campo profissional prático, modificando o cenário econômico e social e, conseqüentemente, os interesses, motivações e expectativas de estudantes e futuros profissionais.

Vê-se com clareza a possibilidade de integração das tecnologias como uma maneira de trazer de modo rápido as informações e o provimento de um aprendizado continuado aos contextos educativos formais, o que induz a uma educação, na qual, professores e alunos participam conjuntamente e de forma recíproca na construção e reconstrução dos processos de ensino-aprendizagem.

As bases curriculares mais recentes procuram induzir uma maior flexibilização no sentido de construção de uma educação colaborativa entre os atores, substituindo a relação hierárquica pela parceria entre o professor e estudante. Essas mudanças impactam diretamente não só na atuação do professor e do aluno, mas também na relação que se estabelece na comunidade escolar. Portanto, o docente, sob essa perspectiva, não impõe o conhecimento, mas promove um processo de mediação.

É claro que, num contexto transformador e multidimensional em que se inserem novos conceitos e novas abordagens educativas, algumas teorias no campo organizacional podem trazer subsídios importantes a partir dos estudos geracionais e a evolução do indivíduo e sua integração às novas tecnologias.

2 A BASE TEÓRICA E O AVANÇO DOS ESTUDOS GERACIONAIS RELACIONADOS À EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA APLICADA AO CAMPO EDUCACIONAL

Para Harvey (1992), em condição Pós-Moderna, ao exibir o conceito de compressão do espaço-tempo, atribuindo uma reinterpretação das distâncias e a quebra de barreiras culturais ocasionadas pela tecnologia, caracteriza esse contexto como elemento agenciador da virtualização territorial.

Portanto, a partir desse pensamento, intui-se que as tecnologias de informação e comunicação -TICs passam a ser elementos estruturantes de um novo modo de vivência e que sustenta novos conceitos, como a “cibercultura” (LEVY, 1999). Segundo esse autor, a “cibercultura” altera as relações sociais e, mais amplamente, as relações pedagógicas, que, influenciada por tais mudanças, busca se reinventar:

“Será necessário, portanto, buscar encontrar soluções que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores. Audiovisual, “multimídia” interativa, ensino assistido por computador, televisão educativa, cabo, técnicas clássicas de ensino a distância [...]” (LEVY, 1999, p.169)

E numa perspectiva, a partir dos anos 1980, considerando o caso brasileiro, pode-se identificar com mais intensidade a presença de pessoas que nasceram depois dessa data e não cresceram utilizando

as novas TIC, mas que, têm sido incluídas no contexto digital. E, será na escola, a instituição referencial para a inclusão das gerações, em decorrência das novas tendências mundiais a partir do computador. Segundo o dicionário Houaiss (2010, p.388) o termo geração é definido como: “espaço de tempo que separa cada grau de filiação”. Uma geração pode estar compreendida em períodos de até 25 anos.

2.1 BREVE COMPARATIVO ENTRE AS GERAÇÕES QUE INICIARAM O ACESSO À INTERNET

Considerando os estudos para diagnosticar as gerações que até agora se desenvolveram, recorreremos ao que foi proposto por Camila Casarotto (2020), em seus estudos com adaptações, a partir de meados do século XX, e que apresentaram as seguintes descrições:

- **Geração Baby Boomers:** nascidos entre **1940 e 1960** (atualmente com 62 a 82 anos).
- **Geração X:** nascidos entre **1960 e 1980** (atualmente com 42 a 62 anos).
- Geração Y (*millennials*): nascidos entre **1980 e 1995** (atualmente com 27 a 42 anos).
- **Geração Z:** nascidos entre **1995 e 2010** (atualmente com 12 a 27 anos).
- **Geração Alpha:** nascidos a partir de **2010** (atualmente com até 12 anos).

Para Casarotto, essas gerações representam as diversas fases em que as pessoas estão situadas, diante das evoluções tecnológicas pelas quais o mundo está caminhando, principalmente após o final da segunda guerra mundial. Particularmente as gerações, **Y, Z e Alpha**, que são as mais recentes, por serem posteriores à evolução tecnológica, ou seja, essas gerações são consideradas “da era do computador”, que apresentam particularidades a seguir descritas.

- **Geração Y (*millennials*):** Essa geração foi a última a conhecer o mundo sem internet. Nascida entre 1980 e 1995 e atualmente com **27 a 42 anos**, a **Geração Y (os millennials)** nasceu com a informática e a globalização e, com esses fenômenos, transformando o mundo. Esse grupo viu a internet nascer, o mundo se tornar mais veloz e a informação circular rapidamente em questão de segundos.

No Brasil, os *millennials* nasceram no contexto da redemocratização (após a ditadura civil-militar) e da instabilidade econômica e política, mas viram o país começar a dar passos mais seguros com o surgimento do Plano Real. Sob essa influência, e diante desses contextos, **os millennials se tornaram muito mais flexíveis às mudanças**. Mais que isso, ávidos pela inovação e pelos desafios advindos dessas transformações. Para eles, não importa tanto a estabilidade, e sim a paixão, a ousadia, a experiência.

Tais indivíduos estão constantemente conectados, constroem e participam de redes de relacionamentos que corroboram os seus valores e ideias. Suas identidades já não se limitam mais ao lugar onde vivem e suas mensagens alcançam muito mais do que um círculo de amigos, ou seja, a internet transformou *os millennials* em cidadãos do mundo.

- **A Geração Z, são os nascidos** entre 1995 e 2010, atualmente com **12 a 27 anos**, já nasceram em um mundo conectado e crescem com um celular na mão, por isso também são chamados de “nativos digitais”. Para eles, **não existe divisão entre online e offline**, já que estão conectados a todo momento, em todo lugar. Para esta geração, não há tempo a perder. Eles são extremamente ágeis, multitarefas e capazes de absorver uma grande quantidade de informações, afinal, vivem na era da big data, da explosão de dados e precisam saber como lidar com eles.

Se a Geração Y, se preocupa com as questões ambientais e sociais, pela internet eles podem se manifestar livremente, e, no caso da **Geração Z, este grupo vai além e transforma a preocupação em ativismo**. No Brasil, essa geração nasce em um momento de prosperidade, de crescimento econômico e de busca por justiça social. Porém, na sua adolescência, já passa pela crise política e econômica após as eleições presidenciais de 2014. São esses adolescentes que se engajam em movimentos de contestação ao governo — seja para um lado, seja para o outro — e se engajam politicamente.

De maneira crítica, as pessoas dessa geração olham para o poder da internet e das redes sociais. Embora sejam ferramentas poderosas para a militância e a mobilização, elas também podem ser traiçoeiras ao promover um estilo de vida ilusório e afetar a saúde mental, o que gera muitos casos de ansiedade, depressão e até suicídio.

A Geração Alpha, são os nascidos a partir de 2010, com **aproximadamente 12 anos hoje** e ainda não entraram no mercado de consumo, embora ainda não existam muitos estudos sobre a Geração Alpha, sabe-se que eles já nascem em um período de recessão econômica no Brasil e crescem em uma época de polaridade e extremismo. Mas ainda, não há como prever o futuro e o efeito que isso terá no seu comportamento.

Sobre as mídias sociais, as crianças da Geração Alpha se relacionam naturalmente com o celular e a internet. Porém, o que vai marcar essa geração é a sua relação com a inteligência artificial. Dessa maneira, a tecnologia se torna ainda mais integrada à sua vida, até mesmo ao seu próprio corpo.

Criadas pela Geração Y ou até pela Z, as crianças da Geração Alpha tendem a ser ainda mais livres em relação à sua identidade. Meninas já não crescem mais em um mundo cor de rosa, o que tende a torná-las cada vez mais protagonistas, em posições de poder. Gênero e orientação sexual provavelmente não serão amarras, assim como o direito à diferença será uma causa ainda mais fortalecida.

Diante da análise dos diferentes tipos de gerações descritas anteriormente, podemos a partir de então, descrever as particularidades dessas gerações diante do novo cenário, que se apresenta no contexto da educação no mundo, e, sobre as perspectivas educacionais a integração das tecnologias fez surgir uma ruptura entre ensino presencial (tradicional) e o ensino tecnológico (EAD) de um modo a minimizar o choque dos alunos na migração de uma modalidade de ensino para a outra.



“O que está surgindo, porém, nas universidades de qualidade é a combinação do ensino on-line à distância com o ensino in loco. Isso significa que o futuro da educação superior não será on-line, mas em rede entre nós de informática, salas de aula e o local onde esteja cada aluno. A comunicação mediada por computadores está se difundindo em todo o mundo, embora apresente uma geografia extremamente irregular [...]” (CASTELLS, 1999, p.487)

Ou seja, por meio da internet, será possível para as instituições de ensino educarem seus alunos desde o jardim da infância até o último ano do ensino médio pela modalidade *Blended Learning*, que na observação de Rovai e Jordan (2004), em seu artigo *Blended Learning and the sense of community* (ensino misto e o senso de comunidade), intitulam esse tipo de ensino misto como pedra fundamental para a nova escola.

Colis e Moonen (2001) explicam o ensino híbrido como modalidade que mescla, em seus componentes curriculares, ensino tradicional presencial com o ensino mediado pela tecnologia (on-line ou em rede) – onde o ensino on-line se torna, para os autores, uma extensão da sala de aula tradicional, resultando em um currículo mais adaptável as necessidades de aprendizagem do aluno, proporcionando-lhe uma maior oportunidade de buscar o conhecimento e aplicá-lo nas atividades presenciais, evitando perder completamente a presença do professor, tornando a aprendizagem mais robusta e mantendo-a humanizada.

O professor torna-se mediador do conhecimento e não mais transferidor. O aluno aprende por métodos mais ativos de aprendizagem, em que ele busca o próprio conhecimento, sendo a educação como elemento emancipador do indivíduo como vemos em Santos (2010, p. 3):

“No campo da educação, as repercussões da emergência desse mundo virtual, proveniente das redes globais de computadores, são bastante óbvias. Sobretudo, se considerarmos que o principal papel da educação reside na preparação do indivíduo para, autonomamente, saber buscar informações e transformá-las no conhecimento de que ele necessita, e da forma mais criativa possível.”

É importante salientar que este aprendizado não substitui o método tradicional de ensino, apenas o complementa. Portanto, o grande objetivo é a possibilidade de utilização das duas metodologias juntas, para criar uma completa, única e inclusiva experiência de aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante acrescentar que as concepções geracionais abordadas no texto, foram concebidas numa sociedade da informação, em que, o fortalecimento de suas estruturas ocorre por meio de relações integradas, onde os avanços e os recursos tecnológicos produzidos num mundo globalizado, se intensificam e se inovam de forma constante e apoiadas incondicionalmente pela internet e redes sociais com muita intensidade.



Neste sentido, as estratégias de ensino precisam ser pensadas sempre em função das características de cada aluno ou turma e, em que estrutura geracional se encontram, pois, o educador passa a identificar caminhos para viabilizar o aprendizado e produzir melhores resultados. Portanto, vale a pena conhecer abordagens novas. Por exemplo, é o caso do chamado ensino híbrido e as trilhas de aprendizagem, que, quando realizadas em conjunto, permitem o desenvolvimento sequenciado de **habilidades e competências** entre os participantes.

E, como dissemos anteriormente, a evolução das tecnologias de comunicação e informação, fizeram com que as interações cotidianas das gerações, no campo educacional, cultural, social, econômico, político, ocorram num ambiente de transformação constante e de impactos na continuidade da vida. Contudo, deve-se ressaltar que a Internet não vai substituir o ato de pensar, de refletir, pois, não é somente ter a possibilidade de acessar rapidamente bilhões de informações sem que seja possível interpretá-las.

Os dias atuais prescindem de avanços nos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, é irreversível a necessidade de que se compartilhe cada vez mais produtos educacionais em repositórios, mídias, MOOCs, cursos em formatos híbridos, porém, é imprescindível que as discussões no campo educacional avancem neste sentido, preservando sobretudo a ética.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Integração de tecnologias à educação: novas formas de expressão do pensamento, produção escrita e leitura. In: VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. (Org.). Formação de educadores a distância e integração de mídias. São Paulo: Avercamp, 2007.

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Tecnologias e currículo: trajetórias convergentes ou divergentes? São Paulo: Paulus, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC, 1999, p. 20-30.

CASAROTTO, Camila - Dossiê das gerações: o que são as gerações Millennials, GenZ, Alpha e como sua marca pode alcançá-las, 14 de julho de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/dossie>. Acessado em 03 de março de 2022, às 08:40min.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede volume 1, Trad. Roneide Venâncio Majer colaboração Klauss Brandini Gerhardt, 8ª edição revista e ampliada, São Paulo: editora Paz e Terra, 1999.

COLIS, B.; MOONEN, J. - Flexible learning in a digital world: Experiences and expectations. London: Kogan-Page, 2001.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; STAKER, H. Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva. Uma introdução à teoria dos híbridos. Maio de, 2013.

ENSINO HÍBRIDO E SALA DE AULA INVERTIDA. Disponível em: <https://www.habto.com/blog/16-ensino-hibrido-e-sala-de-aula-invertida>. Acessado em 06 de março de 2022, às 14:03min.

FREIRE, P. Pedagogia da indignação cartas pedagógicas e outros escritos. UNESP, 2000.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

HARVEY, David. Condição pós Moderna, trad. Adail Ubirajara Sobral, 21ª ed., Loyola, 1992.

HOUAISS, Antônio. Minidicionário Houaiss, 4ª edição revisada e aumentada, Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

LÉVY, Pierrel. Cibercultura, Trad. Carlos Irineu da Costa, 1ª edição, 1ª Reimpressão, São Paulo: Editora 34, 1999.

ROVAI, A. P.; JORDAN, H. M. Blended Learning and Sense of Community: A comparative analysis with traditional and fully online graduate courses. International Review of Research in Open and Distance Learning, 5(2), 2004.

SANTOS, Gilberto Lacerda. Ensinar e Aprender no Meio Virtual: Rompendo Paradigmas, Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.2, p. 307-320, mai./ago. 2011.